

FUNÇÃO DO CAPÍTULO ENCICLOPÉDIA COMPLETA DA VIDA DE KAZIK  
EM *VER: AMOR*, DE DAVID GROSSMAN

FUNCTION OF THE CHAPTER ENCICLOPEDIA COMPLETA DA VIDA DE  
KAZIK IN *VER: AMOR*, BY DAVID GROSSMAN

Paulo Sérgio de Proença<sup>1</sup>

RESUMO

Não é comum uma enciclopédia figurar em tramas ficcionais. Disso procede uma sensação de estranhamento e de surpresa. Por isso este trabalho analisa as relações que há entre a enciclopédia completa da vida de Kazik e o restante da obra *Ver: Amor*. A incorporação de um gênero acadêmico-científico em outro de natureza ficcional apaga os limites entre ficção e realidade; o resultado é relativização e desestabilização de crenças e verdades.

Palavras-chave: *Ver: Amor*. David Grossman. Enciclopédia

ABSTRACT

It is not common an encyclopedia to be conceived in fictional plots. It carries a sense of strangeness and surprise. Therefore, this paper analyzes the relationship that exists between the full encyclopedia of Kazik's life and the rest of the work *Ver: Amor*. The incorporation of an academic-scientific genre into another of fictional nature erases the boundaries between fiction and reality; the result is relativization and destabilization of beliefs and truths.

Keywords: *Ver: Amor*. David Grossman. Encyclopedia.

INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo, Professor Adjunto na UNILAB-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, campus dos Malês (BA)

A análise de uma obra literária não é tão difícil que não possa ser feita, mas não é tão fácil que não exija estudo dedicado, atenção e experiência – virtudes que devem ser aplicadas em grau máximo no caso de *Ver: Amor*, obra complexa, densa e desafiadora. Exige mais de uma leitura e muita atenção.

O objetivo deste trabalho é relacionar a última parte da obra às demais, a partir, principalmente, da advertência inicial (“Ao leitor!”), do capítulo Enciclopédia da vida de Kazik. As considerações serão mais ou menos assistemáticas (talvez para combinar com a obra) e fluirão de acordo com as intuições que a leitura apontar. Alguns verbetes serão citados, para sustentar afirmações e argumentos que serão apresentados.

Não é comum figurar numa obra de ficção uma enciclopédia; daí nasceu a curiosidade de ser examinada a função que ela tem no conjunto do romance; antes disso, porém, é necessário verificar, em breves linhas, a natureza de uma enciclopédia e quais são as características da enciclopédia analisada.

## 1. NATUREZA FORMAL DE ENCICLOPÉDIAS

Uma enciclopédia é uma obra objetiva e genérica; resulta de pesquisas acuradas de um autor ou de uma equipe de autores. Baseia-se em fatos comprováveis e em fontes documentais, sempre que isso for possível e necessário. Não é normalmente aplicada à vida de uma pessoa, cujo gênero mais apropriado é a *biografia*, embora biografias de mulheres e homens ilustres possam figurar em enciclopédias. Dirige-se, normalmente, ao público escolar e abrange as mais diversas áreas do conhecimento humano. Tem por finalidade principal conservar e divulgar conhecimentos históricos e científicos.

Algumas dessas características não são desconhecidas da nossa *enciclopédia* da vida de Kazik, que as cita na advertência ao leitor; faz-se referência, por exemplo, à necessidade de “submissão incondicional às exigências objetivas da pesquisa séria” que deve ter uma obra de tal natureza (GROSSMAN, 1993, p. 321). Nem a proposta de a enciclopédia se ater aos fatos de uma pessoa (com as devidas consequências dessa opção) escapa à atenção do narrador, que não se esquece de justificar a inclusão de trechos de conversas de alguns personagens relacionadas à vida do *enciclopediado*, da seguinte forma: “Não há dúvida de que tal sistema

compromete a objetividade acadêmica de todo o empreendimento e ‘populariza-o’ um pouco, mas, por enquanto, não se encontrou maneira de evitar isso” (GROSSMAN, 1993, p. 321).

Como nas obras do ramo, há uma remissão interna de verbetes, o que configura uma tautologia, uma circularidade que não (se) resolve: como exemplo, podemos ver os verbetes *força (coach)*<sup>2</sup> (GROSSMAN, 1993, p. 383) remete a *justiça (tsedek)* (GROSSMAN, 1993, p. 433). Também são inter-remissivos os termos *compaixão (rachamim)* (GROSSMAN, 1993, p. 469) e  *piedade (chatuna)* (GROSSMAN, 1993, p. 376). A enciclopédia a um e a outro verbete remete o leitor, sem mais informações, recurso presente com frequência talvez indesejável em algumas enciclopédias e dicionários.

## 2. ENCICLOPÉDIA COMPLETA DA VIDA DE KAZIK: CARACTERÍSTICAS

“Ao leitor!” indica a natureza dupla desta parte da obra: trata-se de uma enciclopédia de fato ou de ficção? Em que sentido esses elementos se relacionam, se há correspondência entre eles? “Ao leitor!” reconhece a necessidade de objetividade, mas não exclui outro componente, de natureza literário-ficcional, conforme alguns elementos que contém: a associação da natureza não ficcional de uma enciclopédia a um enredo ficcional: “[...] será contada ao leitor a história, o mais completa possível, da vida de Kazik, personagem da história de Anshel Vasserman [...]”; o registro de acréscimos das vidas dos personagens na enciclopédia a vincula às demais partes da obra e a reveste de dupla natureza, pois *enciclopédia* tem gênero próprio (acadêmico, objetivo, impessoal, compromisso com fatos) e como complemento dos fatos das outras partes do livro, assume uma amplitude ficcional, ao registrar acréscimos, não somente da personagem *enciclopediada*, mas também das outras personagens a ela vinculadas; no item 3 de “Ao leitor!”, diz-se: “o leitor pode, é claro, pular a leitura destes verbetes”; “pular”, aqui, pode ser entendido em dois sentidos, pelo menos: saltar, não obedecer à ordem em que são apresentados e não ler os verbetes, acepção que não é tão aceitável, uma vez que, conforme orientações anteriormente apresentadas, o leitor sabe que “A enciclopédia completa da vida de Kazik” contém acréscimos indispensáveis para a continuação da obra.

---

<sup>2</sup> A transliteração dos termos originais segue a indicação da tradução consultada, que é aqui reproduzida.

Portanto, “pular a leitura” dos verbetes contempla a possibilidade de não ser seguida a ordem linear da disposição seqüencial do livro. Tal recurso é expressivo e se combina com a natureza da obra, pois se renuncia a uma ordem canônica baseada na relação começo-meio-fim (ainda que essa seqüência não corresponda, necessariamente, a uma disposição cronológica dos fatos, pois uma obra pode começar narrando o fim da vida de um personagem ou o último acontecimento de certa ordem, por exemplo). Isso significa que o leitor pode construir a *sua ordem* dos acontecimentos e a forma com que eles impactam a vida das pessoas (personagens). A ordem deixa de ser uma força inexorável que determina as relações entre os fenômenos (causa e efeito, por exemplo), mas uma forma particular de percepção dos mesmos. Começo-meio-fim deixa de ser uma necessidade cartesiana e se projeta para a possibilidade freudiana. Isso implica, necessariamente (além da justaposição de acontecimentos em determinada ordem), numa concepção diferenciada da noção de tempo. Se o começo pode ser o fim e o meio pode ser o começo, então, o tempo, ele também, é resultado de uma particular percepção dos acontecimentos que nele se desenrolam. Daí a menção à *classificação arbitrária* dos verbetes, pois seria aceitável qualquer outra apresentação (que, por sua vez, não deixaria de ser arbitrária). Como os bebês já nascem velhos, Kazik vive uma vida inteira em apenas vinte e quatro horas, isso reforça, também, essa relativização da noção de tempo.

Outro aspecto a ser considerado, devidamente registrado na introdução da enciclopédia, é a referência a “monólogos e trechos de conversas de todas as personagens”. Reconhece-se que esse procedimento compromete a objetividade acadêmica de todo o empreendimento. Implícito está que a reprodução de conversas de personagens não é compatível com a natureza genérica e objetiva de uma enciclopédia. Isso reforça a aceitação da ideia de que a *enciclopédia* é uma parte necessária ao romance e não pode deixar de ser lida, pois a enciclopédia da vida de Kazik compõe com o restante o sentido global da obra.

A construção dos verbetes é sintomática: eles são apenas um pretexto para a remissão a personagens e fatos do romance, eles são um pretexto para a ampliação da narrativa ficcional. A apresentação dos verbetes apresenta duas partes; à definição conceitual rigorosa e concisa segue remissão à ficção – fatos ligados à vida de personagens (a segunda parte dos verbetes pode se desdobrar para cobrir

aspectos diferentes a isso relacionados). Para exemplo, basta examinarmos o verbete *folga (chufsha)* (GROSSMAN, 1993, p. 371-372). A primeira parte do verbete é objetiva e sucinta: “Liberação temporária de certo trabalho ou dever”. Já a segunda narra acontecimentos ocorridos na véspera de uma folga de Neigel, que exigiu de Vasserman a continuação da história da vida de Kazik; como houve recusa, “Neigel perdeu o controle e surrou Vasserman” (GROSSMAN, 1993, p. 372). Não é difícil perceber que o verbete *folga* não deixa de ser um pretexto, uma referência temporal, uma âncora (uma moldura circunstancial) para a narração de um fato, considerado principal; assim começa o último parágrafo do verbete: “E assim, sem saber a continuação da história de Kazik, Neigel partiu para sua folga”. Parece que a dinâmica aplicada à construção dos verbetes indica que o foco de principal importância para a economia da obra está na segunda parte dos verbetes, aquela em que se faz referência direta a fatos e personagens da obra para registrar os acréscimos necessários. Além disso, a característica ficcional da segunda parte pode ser notada em algumas outras partes que exploram recursos expressivos da linguagem (metáforas, por exemplo) que não são normalmente utilizados em enciclopédias; como exemplo, temos o verbete *masturbação* (aliás, é interessante que tal verbete esteja presente na enciclopédia):

[...] da ponta de seu pequeno órgão sexual jorraram para uma tremenda altura jatos finos e molhados que, ao chegar ao céu negro, explodiam com um ligeiro ruído, como fogos de artifício, e então se coagulavam em formas coloridas de animais e figuras humanas que eram todas um tanto falhas, algo como rascunhos, mas em seu jeito espermatozóidico, cheios de vida e cor, nadavam no espaço escuro sacudindo suas pequenas caudas, um fluxo infindável de pássaros e peixes, criancinhas e anciães que brilharam por um momento, imediatamente se apagaram e foram engolidos pela escuridão, sem deixar vestígio, exceto uma vaga sensação de angústia que se desfazia logo atrás de si [...] (GROSSMAN, 1993, p. 323-324)<sup>3</sup>.

### 3. FINALIDADE DA ENCICLOPÉDIA E RELAÇÕES COM A OBRA

Podemos considerar que um efeito desse particular modo de construção da *enciclopédia* é uma confusão entre ficção e realidade. Não ficam bem definidos os contornos dessas instâncias; elas se superpõem e se confundem. O fato de não

---

<sup>3</sup>A descrição tem valor poético. As gotas seminais unem o interior e o exterior, fundem num mesmo plano as entranhas e a realidade cósmica. Há uma ambivalência, que pode ser percebida nos contrastes: “explodir como fogos de artifício/brilhar” e “apagar”, “cheios de vida e cor/prazer” e “sensação de angústia”; “criancinhas” e “anciães”. Alguns termos se revestem de especial importância por serem empregados em outras partes do romance de forma especial, como: *nadar*, *peixe*, *criancinhas*, *anciães*.

haver gêneros em estado puro é levado às últimas consequências: “Mas eu tenho uma história que me escreve, e devo acompanhá-la aonde quer que ela me conduza. E talvez o meu caminho seja o certo” (GROSSMAN, 1993, p. 318-319). O termo *história* deve ser entendido *lato sensu*, em cuja amplitude podem ser enquadradas duas noções; 1) a história vivida, a pessoal, a comunitária e a nacional (já nelas incluídas aqueles elementos de natureza ficcional que as determinam, como a história oficial, as tradições, etc.); 2) história assumida conscientemente como ficção, ou seja, nossa trajetória pessoal marcada pela história de heróis e obras de ficção que nos impressionam e nos influenciam e com o qual nos identificamos. Assim, a história nos *conta* também; somos ambivalentes, pois contamos e somos nossa história e por ela somos contados.

Essa diminuição da distância entre ficção e realidade participa da natureza do romance *Ver: Amor*; pode-se dizer que há uma espécie de iconoclastia, uma rebelião contra moldes e princípios que tendem a controlar o pensamento e o comportamento humanos. Isso se evidencia, naturalmente, num plano de construção literária de rara habilidade e sutileza. O narrador tem uma técnica narrativa apurada e tão sutil que envolve o(a) mais experiente e atento(a) leitor(a) a ponto de mudar o turno de conversas dos personagens e deixar o(a) leitor(a) sem saber a quem a palavra está delegada. Devem-se registrar que anacronismos, prosopopeias e personalizações concorrem para a rejeição de moldes literários convencionais.

É sintomático que no vocábulo *ficção* haja menção ao ato de matar. Neigel conta a Vasserman como e quando começou a matar e, diante de perguntas e insistência de Vasserman, “Neigel se zangou e anunciou que 1 – quando matou estava cumprindo ordens; 2 – jamais matou por prazer, mas também não com aversão; 3 – ele não compreende por que Vasserman precisa de todo este *Kwatz mit Sauze* (bobagens com molho)” (GROSSMAN, 1993, p. 329). Nesse verbete se dá o embate mais difícil e mais decisivo, pois se trata da experiência da morte, que chega abundante e generosa para os inimigos vencidos, numa guerra; nada mais real do que a experiência da morte para Vasserman: “Pois aconteceu comigo e vi com meus próprios olhos!... Sou obrigado a crer que o senhor não nos matou assim, simplesmente, como se diz, como se arranca um prego da parede [...] (GROSSMAN, 1993, p. 329). Tudo isso sob o verbete (classificatório, ainda que arbitrário) *ficção*.

Podemos, aqui, fazer referência à tensão literária referida nos itens 5 e 6 de “Ao leitor!” (GROSSMAN, 1993, p. 322). Diz-se que se procuraria poupar o leitor dela, mas o efeito é contrário, a partir da própria definição apresentada de *tensão*: “[...] esta ilusão estranha do propósito que existe, por assim dizer, na raiz de todas as coisas, através do qual supostamente a ‘vida’ flui”. Isso nos faz supor que a tensão maior que percorre toda a obra é entre ficção e realidade, no fio da qual todos somos desafiados a viver.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que se pode admitir para a última parte da obra a condição de continuação das demais, com as quais forma um conjunto coeso e bem organizado; não é acessória, mas necessária a sua intenção geral (da obra) e específica (do capítulo). Apresentada sob o suporte genérico de *enciclopédia*, a parte opera uma intencional confusão entre ficção e realidade, própria de todo o conjunto do livro. Com efeito, a não submissão a paradigmas estéticos, a supressão de parâmetros estáveis de referências necessárias à organização do mundo (ficcional) e a superação de noções primárias para a centralização da experiência humana como o espaço e o tempo (algumas dessas características podem ser associadas ao pós-modernismo, mas não exploradas neste breve trabalho) – tudo isso são aspectos complementares que concorrem para dar à obra *Ver: Amor* sua feição especial, a que não poderia faltar a *enciclopédia* da vida de Kazik.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Tradução de Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.